

John Morris Parker
Universidade de Aveiro
Rosa Lúcia Coimbra
Universidade de Aveiro

OS TÍTULOS DE IMPRENSA REVISITED

Na comunicação que apresentámos ao VII Encontro da Associação, sobre a metáfora nos títulos de imprensa em Portugal, um dos aspectos focados foi a questão da inteligibilidade deste tipo de texto, se encontrado fora do contexto imediato da notícia que encabeça e para cuja leitura pretende atrair a atenção. Pareceu-nos um aspecto digno de atenção, em termos tanto de produção como de recepção de textos, podendo ser enquadrado no âmbito dos diversos critérios propostos por Beaugrande & Dressler na sua teoria de textualidade (1981). Segundo Bell (1991), o título representa para um jornal uma oportunidade de imprimir o seu estilo individual a um produto que não deixa de ser massificado. A produção do título possui um interesse especial, pois, devido a questões relacionadas com a montagem da página, o *layout*, não costuma ser criação do jornalista responsável pela notícia, mas da redacção, mais propriamente de um membro da redacção a quem cabe esta tarefa específica (Bell, 1991: 186).

O nosso interesse, na presente comunicação, recal antes sobre a recepção dos títulos. Como a função do título, além de dar uma ideia resumida do conteúdo da notícia, é de despertar a atenção do leitor, de servir de chamariz, motivando-o ao consumo do produto noticioso, apresenta, com alguma frequência, um excesso de *informatividade* (Beaugrande & Dressler, 1981: cap VII). Como foi frisado no trabalho anterior, factores como a presença de um título secundário (antetítulo, subtítulo) ou a secção do jornal em que a notícia se encontra contribuem para facilitar a interpretação dum título. Nos termos da teorização apresentada por Beaugrande & Dressler, dtremos que esses factores ajudam a reduzir a ordem de informatividade (*downgrading*), permitindo reintegrar o elemento discrepante na continuidade textual.

Quando os factores que permitem reduzir o excesso de informatividade não se encontram no texto, Beaugrande & Dressler (1981: 144) falam em "outward downgrading". Nesse caso, o receptor do texto apela aos seus conhecimentos gerais para poder dar seguimento ao processo que os autores designam por "inferencing", operação que consiste em fornecer conceitos e relações aceitáveis para preencher uma descontinuidade no mundo textual. Ao

colocarmos os alunos perante títulos de imprensa desprovidos de qualquer contexto, obrigámo-los especificamente a fazer "outward downgrading", recorrendo a conhecimentos que tanto podiam ser linguísticos (necessidade de, por exemplo, reconhecer figuras retóricas), como relacionados com o mundo actual (acontecimentos políticos, desportivos e outros relacionados com Portugal e a sociedade portuguesa).

É claro que intervêm, igualmente, factores de textualidade como a *intertextualidade* (Beaugrande & Dressler, 1981: cap. IX), pois só quem nunca leu um jornal deixaria de reconhecer um título como tal e de, mesmo implicitamente, ter alguma ideia das suas características, sabendo, por exemplo, relacionar certas expressões (metáforas, alusões) com certo tipo de notícia. As experiências de que a seguir se dá conta pretendiam abarcar estes diferentes aspectos, procurando identificar os elementos textuais nos títulos que dificultassem, quando não facilitavam, esse relacionamento e, daí, captar o processo de "inferencing", embora este talvez exigisse uma experiência mais controlada do que a que passamos a descrever e que representa, na verdade, uma primeira tentativa.

As experiências foram realizadas em ocasiões diversas por cada um de nós. No primeiro caso, que designaremos como 'Experiência A', enquadrou-se em uma unidade da disciplina de Estatística consagrada ao estudo da linguagem da imprensa, com alunos do terceiro ano das Licenciaturas em Ensino, de Português-Francês, de Português-Inglês e de Português-Latim-Grego. Pode-se afirmar que os alunos estavam, de alguma forma, dentro do assunto, pois estiveram a trabalhar com a linguagem publicitária e uma aula teórica da mesma semana tratara precisamente dos títulos de imprensa. No entanto, não tinham sido preparados para a experiência, que ocupou a fase inicial de uma aula prática, ou seja das três aulas práticas, correspondendo às três turmas, durante o mesmo dia (7 de Maio). Manteve-se a situação de trabalho de grupo, habitual para essas aulas, os grupos sendo, na maioria, de quatro ou cinco elementos, e a cada grupo da mesma turma foi distribuída a mesma lista de dez títulos, sendo estes diferentes para os três cursos. As instruções foram no sentido de indicarem, tão completamente quanto possível, o assunto da notícia a que cada título se referia; ou, pelo menos, de tentarem identificar a área noticiosa em questão "1". Ao todo, dezanove grupos participaram na experiência, gastando a maioria cerca de vinte minutos na sua tentativa.

Na segunda experiência (Experiência B), com alunos dos mesmos cursos, mas do quarto ano, num total de 66, uma lista de dez títulos foi distribuída a cada aluno, individualmente, quando se encontravam juntos na mesma sala de

aulas. Estes alunos tinham feito a disciplina de Estilística já no ano anterior, mas evidentemente não se encontravam tão próximos do assunto. Também não houve nenhuma preparação anterior à experiência. A maioria dos alunos levou cerca de quinze minutos. Em cada caso, no fim do tempo (uns 25 minutos) as folhas foram recolhidas e passou-se a uma breve discussão, em que foram comunicadas as soluções. Na experiência A, metade dos títulos escolhidos diziam respeito a notícias ainda recentes (pertencem a jornais de 16 de Abril de 1992), os demais foram retirados do nosso corpus inicial (Maio de 1991), com ressalva para um ou outro caso mais antigo. Na experiência B, foram todos retirados de jornais de uma mesma semana em Fevereiro), ou seja uns quatro meses antes de se efectuar a experiência. O número de títulos relativos ao desporto profissional foi limitado a dois, nas listas da experiência A, e a quatro na experiência B; aliás, procurou-se um certo equilíbrio nos assuntos escolhidos.

As respostas foram analisadas inicialmente em termos gerais, seguindo uma classificação bastante simples em quatro categorias: descodificação total, descodificação parcial, interpretação errada e ausência de resposta «». Os resultados, que permitem uma visão global rápida, encontram-se organizados em quadros apresentados em anexo. Vê-se imediatamente a grande proporção de interpretações erradas, acima dos 60%, na experiência B; a percentagem mais baixa na experiência A (40%) dever-se-ia, provavelmente, à situação de grupos: se duas cabeças são melhores que uma só, que dizer de quatro ou cinco! De facto, na experiência A, o total das descodificações (totais e parciais) equivale ao total das falhas (erros e ausência de resposta), mas a percentagem das descodificações que se podem considerar adequadas sempre se revela bastante baixa (13%), ainda mais na experiência B (6%).

Experiência A.

A actualidade do acontecimento noticiado não facilita necessariamente a descodificação. Os exs. A.5 ('Os "Tornados" da discórdia') e A.14 ('Beja: o adeus alemão') dizem respeito ao mesmo assunto, mas enquanto quase todos os grupos identificaram A.14 (2 Dt, 3 Dp), as cinco descodificações parciais de A.5 apenas alvittraram tratar-se de matéria política (0 Dt, 5 Dp). Por outro lado, notícias desportivas mais antigas eram reconhecidas, embora a descodificação tenha ficado parcial: A.6, A.10, A.11 e A.24. No entanto, mesmo nesta área, pode haver interferência de notícias mais recentes vindas de outro domínio se este for de grande importância ou impacto na consciência dos leitores: em "SUB" ARMADOS À ESPERA DOS "CANGURUS", o acontecimento recente da *Lusitânia Expresso* sobrepôs-se ao jogo de futebol, mais antigo, bastando-se a alusão à Austrália para desencadear o processo.

O caso é interessante, pois sugere que o nível de decifração pode ser bastante superficial ⁽³⁾, bastando um pequeno desvio para construir, no espaço mental do leitor, um *frame* totalmente diverso, o que levaria a interpretar os demais elementos do título de acordo (os "Sub" armados' passam a ser, certamente, submarinos, neste cenário; aliás, um grupo limitou-se a indicar a área da notícia como 'militar', aparentemente criando um *frame* muito geral a partir da palavra "armados").

Encontramos outros casos que parecem confirmar esta hipótese. A actualidade da controvérsia entre os autarcas e o governo teria induzido todos os grupos em erro, fazendo supor que A.28 (MARQUÊS DE POMBAL REÚNE MUNICÍPIOS), encabeçaria uma notícia sobre uma manifestação daquelas na Praça Marquês de Pombal; mas o acontecimento era mais antigo, referindo-se a uma reunião da Associação dos Municípios Pombalinos. O facto de se fazer a experiência em Maio levou metade dos grupos a interpretar "Mês do coração" (A.2) como 'mês de Maria' e optar por uma interpretação religiosa. Aliás, em relação à pouca atenção dispensada, é interessante observar como as palavras funcionais podem ser 'maltratadas', p.ex. não reparando na existência do artigo ou no género deste ('ABAIXO OS CARECAS', que terá sido entendido como "AS carecas", para ser interpretado como alusão à queda de cabelo). No caso de A.21 (RECHEADO DE "PENEDOS" O "PORTO DE ABRIGO"), a presença do artigo definido devia ter tornado claro não se tratar de um lugar com o nome de Porto de Abrigo, mas um grupo propôs "Porto de Abrigo sem segurança". Este exemplo também sugere que talvez não se dê tanta atenção como seria de esperar a elementos gráficos usados para assinalar um sentido diferente do habitual, como é o caso das aspas, tão frequentes nas páginas dedicadas ao futebol, pois um grupo criou um *frame* totalmente literal, que deu "Navio encalhado", enquanto outro, interpretando "penedos" no sentido figurativo, passou por cima do segundo par de aspas e propôs "Problemas nos portos comerciais".

Em relação à questão das aspas, porém, outros exemplos levantam dúvidas. A ausência de aspas em A.6 (TANGO COREANO ENTONTECEU ARGENTINOS) não criou problemas, embora nem todos os grupos identificassem correctamente a modalidade desportiva (futebol). Por outro lado, em A.1 (POLÍCIAS E JORNALISTAS ANDARAM AOS PONTAPÉS), apenas um grupo avançou timidamente a hipótese de se tratar de notícia desportiva, mas favoreceu uma interpretação política que não chegou a especificar. Os restantes quatro grupos que deram uma resposta optaram por uma solução literal. Neste caso, julgamos que deve existir um *frame* generalizado, incentivado por reportagens televisivas, em que os jornalistas, no desempenho da sua profissão,

sofrem às mãos das autoridades. O caso é interessante pelo que revela de atitudes sociais, pois um dos grupos se refere à excessiva curiosidade dos Jornalistas, enquanto outro fala de um clima de repressão.

Os quadros mostram que um terço dos títulos criou problemas suficientemente graves, ao ponto de não ter havido sequer descodificação parcial pela maioria dos grupos (A. 9, A. 13, A. 16, A. 18, A. 20, A. 21, A. 23, A. 25, A. 26 e A. 28). Além dos casos já analisados (A. 18, A. 21 e A. 28), encontramos: a solução metafórica de um título literal (A. 26); a falta de atenção a elementos gráficos, talvez ligada à simples ausência de conhecimentos especializados (A. 9); a procura de um *frame* razoável a partir de um ou mais elementos quando a informação do título é vaga (A. 13, A. 23) ou se tentou salientar uma notícia pouco apelativa (A. 20).

Experiência B

A ocorrência da metáfora revelava-se como um dos obstáculos mais frequentes no nosso *corpus*. A presença desta figura, que afecta o significado transmitido pelo enunciado discursivo, conduziu por vezes os leitores a uma interpretação incorrecta da mensagem quer através de uma leitura literal do título, quer pela atribuição de significados não pretendidos. Este último caso foi muito mais frequente que o primeiro, o que se explica pelo facto de que as leituras literais, resultando de algum modo absurdas ou pouco prováveis, levam ao reconhecimento da necessidade da busca de um outro sentido não explicitado. No entanto, isto nem sempre se verifica e foi assim que dois sujeitos remeteram o título "Meninas do Braga repetem a dose" para um contexto de droga, e quatro sujeitos esperavam que a notícia do título "Volcane: um ZX em erupção" falasse realmente sobre a erupção de um vulcão. Estas leituras literais foram, pois, nesta experiência, em número muito reduzido e parecem de qualquer modo revelar uma falta de atenção dos sujeitos em relação a certas pistas que as eliminariam à partida: No primeiro título a presença do artigo definido em "Meninas do Braga" terá sem dúvida guiado a maior parte dos inquiridos para uma interpretação ligada à área desportiva. No outro caso, teríamos o conhecimento extralinguístico de que Zx é uma colecção de carros da Citroën e a não confusão Volcane/vulcão.

Mais frequentes e diversificadas são as atribuições incorrectas de significado às expressões metafóricas que integram alguns títulos desta série. Estas interpretações, algumas bem imaginosas, demonstram que o leitor estava no caminho certo ao rejeitar como provável uma leitura literal do título mas falha na busca do sentido pretendido. Aqui, duas

questões se nos deparam: Primeiro: o que levou o leitor a rejeitar a leitura literal? Segundo: o que o levou a atribuir ao título aquele e não outro sentido?

Relativamente à primeira questão, procurámos ver nos títulos apresentados pistas que levassem o leitor a excluir a interpretação literal. As mais óbvias parecem-nos ser as de natureza gráfica. De facto, a utilização do itálico (B.3) ou das aspas (B.4) constituíam aqui autênticas bandeiras sinalizadoras da figura de retórica. Mas o leitor tem a capacidade de detectar a metáfora mesmo sem a ajuda do grafismo, baseando-se nos seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. Um dos meios de detecção desta figura é o seu confronto com o quadro contextual, ou seja, a unidade linguística que com ela ocorre e que, no caso do título de uma notícia que é uma unidade textual autónoma, pode ir desde uma frase a um lexema (De Knop, 1985: 257). É o que ocorre, por exemplo, com a incompatibilidade semântica no título B.5 entre "Norte" e "dorme". Mas nos nossos exemplos, o meio que sem dúvida mais ajudaria o leitor na identificação da figura seria o recurso a uma série de conhecimentos extralinguísticos que o levariam, por exemplo, a considerar como altamente improvável que tesouros do cinema calam por chaminés (B.4). É este não corresponder das expectativas do leitor (alto grau de informatividade, na terminologia de Beaugrande e Dressler) que leva o receptor à procura de um novo sentido da expressão metafórica. E aqui chegamos à nossa segunda questão: o que é que condiciona esta procura levando o leitor a tirar do enunciado determinado sentido que não poucas vezes é diferente do pretendido? Da experiência B podemos identificar três condicionantes das leituras feitas pelos inquiridos:

1) A frequência com que a expressão metafórica é utilizada na linguagem (jornalística ou não) com determinado significado parece levar o leitor a atribuir preferencialmente esse significado já que não lhe é estranho. É assim que a metáfora vulgar do verbo dormir significando inacção é correctamente interpretada por um grande número de sujeitos no título B.5, constituindo este o exemplo com a maior percentagem de sucesso na decodificação (ver quadro B).

2) Um outro factor que parece ter influenciado a escolha de determinada interpretação é a expectativa que o leitor tem de que certas realidades sejam metaforizadas na linguagem jornalística com expressões pertencentes a determinadas áreas vocabulares. É o caso de acontecimentos, acções ou situações de âmbito desportivo ou político que surgem referidas nos títulos da nossa imprensa através de expressões da área vocabular da guerra, particularmente quando se referem a confrontos quer entre equipas ou

jogadores quer entre partidos ou políticos (ver Parker & Coimbra, 1991). Foi sem dúvida esta expectativa que levou os inquiridos a distribuírem as suas interpretações de "duelo" (B.3) pelo desporto e pela política (ver quadro).

3) Também é de algum modo determinante na decodificação de certos títulos a visão que o receptor tem do mundo extralinguístico: os seus conhecimentos, expectativas e preconceitos em relação àquele. Um exemplo destas influências verifica-se em B.1: cinco inquiridos interpretaram "Meninas do Braga repetem a dose" como referindo algum comportamento das claques femininas que se terá repetido. Está aqui subjacente, ainda que inconscientemente, o preconceito de que o desporto (pelo menos o que faz notícia) é dos homens? Provavelmente, se o título fosse "Rapazes do Braga repetem a dose", não apontariam para claques de rapazes mas para a equipa de atletas.

Um aspecto curioso da metáfora no título da notícia é a situação inversa à da leitura literal de um título metafórico, ou seja, ler como sendo uma metáfora uma expressão que deve ser tomada no seu sentido denotativo. É o caso do exemplo B.6 em que o título se referia realmente a pombos mas em que dezasseis inquiridos tomaram como sendo idiomática a expressão "Ir-se aos pombos" e significando agitação ou período de crise (expressões utilizadas pelos inquiridos: "confusão", "perde o presidente", "algum problema", "perder o mandato", "crise", "desentendimento", "desorganizada", etc).

Outras figuras de retórica, além da metáfora, tornam, por vezes, a leitura dos títulos de imprensa autênticos quebra-cabeças difíceis de resolver sem a ajuda do contexto. Os jogos de palavras são dos fenómenos que melhor ilustram esta situação. Um exemplo característico é o de basear o jogo de palavras em nomes próprios (cf. Parker & Coimbra, 1991). O título B.7 é um exemplo típico em que a alusão à ausência do grupo musical Repórter Estrábico como grupo suporte num concerto dos La Frontera não foi entendida pela quase totalidade dos inquiridos. Curiosamente, quase todos (com duas excepções) entenderam, correctamente, que "sem estrabismo" não teria aqui nada a ver com perturbações oculares mas não conseguiram fazer a ligação com o nome do grupo. As interpretações foram então muito variadas tendo sido a mais frequente a que considerou esta expressão como uma alusão ao sucesso dos La Frontera. Uma boa parte dos sujeitos (29) limitou-se a situar o título na área da música, não fornecendo qualquer hipótese de leitura para o SP.

Além das figuras de retórica, outros problemas se levantam na leitura do

título de imprensa. Devido à sua linguagem telegráfica sintacticamente empobrecida (Perfetti et al, 1987: 692), o título apresenta-se fortemente elíptico, reduzido frequentemente a um único sintagma e tornando difícil de entender a sua formação, função e configuração sem o contexto da notícia já que entre estes itens (título-notícia) deve existir uma co-referência numa forma reduzida; o assunto da notícia sendo entendido como o ponto essencial da base semântica do título (Alcoba & Tornero, 1985). A compreensão desta relação e a descodificação do título tornam-se mais difíceis quando este é ambíguo ou vago, situação frequente em títulos que se apresentam como enunciados sintacticamente incompletos. Por exemplo, em B.8, temos a repetição do nome Ricky que aparece três vezes, seguido de reticências e da exclamação "Pois está claro". A ausência total do bloco predicativo terá sido a razão pela qual nenhum dos inquiridos (mesmo os que nas suas respostas provaram saber quem era Ricky) entenderam que o título se referia à marcação de três golos pelo jogador (falhou aqui a pista subtil da tripla menção do nome). Neste tipo de títulos vagos bem como nos títulos ambíguos, a dificuldade do leitor não parece ser tanto a de optar por um de vários sentidos, mas a de encontrar sequer um sentido (Perfetti et al, 1987: 706). Um outro aspecto que por vezes surge nos títulos é o das referências intertextuais. No exemplo B.9 ficava claro pelo conteúdo da notícia a presença da relação intertextual com o título do filme "Em busca da esmeralda perdida" (seguido de "Em busca do templo perdido"). Nestes filmes foca-se a procura de algo de precioso, tal como a notícia refere as camélias que outrora foram plantadas, com grandes custos económicos, pela cidade do Porto mas que, tendo sido colhidas pelas pessoas, se acabaram por perder. A ideia da busca das camélias perdidas está relacionada com um concurso de camélias promovido pela câmara da cidade. Na realidade, parte dos inquiridos identificou a existência de uma relação intertextual neste título: (12 referiram os títulos dos filmes que mencionámos, 9 referiram a obra de Dumas "A dama das camélias" e 1 a obra de Proust "Em busca do tempo perdido") mas não conseguiram identificar a relação (alguns referiram expressamente a sua incapacidade). Aliás, apenas 5 outras respostas consideraram que o texto se referiria realmente às flores. Sem o contexto da notícia, fica pois claro que o leitor pode localizar a necessidade de um recurso ao nível da intertextualidade mas não ter elementos para estabelecer a relação pretendida.

Será preciso aprofundar a análise, e possivelmente repetir a experiência, para apresentar uma lista ordenada de conclusões bem pensadas e pesadas, que as limitações de espaço do presente contexto também não permitem. Em

vez do remate elegante que nos levaria a resumir, apenas, o que acabamos de expor, preferimos testemunhar a nossa gratidão aos alunos que participaram da experiência. O seu bom humor traduz-se numa solução proposta por um grupo que respondeu ao título com outro da sua lavra, sugerindo para "Casa dos mortos abre-se à vida" (A.20) a explicação "Mulher deu à luz num cemitério".

Notas

1. O título, como declara Bell (1991: 188-9), costuma resumir o aspecto principal da notícia, eventualmente focando um aspecto, ou acontecimento, secundário. No nosso corpus, em parte por omitir títulos secundários, ficou limitado a um aspecto, em geral o principal.
2. Devido à sua simplicidade, a classificação oferece alguns problemas, pois na prática foi preciso dar uma margem talvez ampla demais às descodificações parciais. Pensamos se não seria preferível separar as respostas que não foram além da identificação da esfera da notícia (desporto, política, etc.) daquelas que indicaram algum aspecto do assunto da notícia.
3. Referimo-nos aqui ao conceito de atenção, ou seja a quantidade de esforço investida no processamento do texto (cf. Beaugrande & Dressler, 1981: 138). O hábito de ver os títulos contextualizados, tornando desnecessária uma atenção mais aturada, possivelmente cria um reflexo mental difícil de modificar na situação da experiência. Pode-se falar aqui, talvez, de "fuzzy parsing" (Beaugrande, 1980: 106) da superfície textual.

Referências

- Alcoba, S & Perez-Tornero, J. M. 1985. 'Titling and Journalistic Utterance' in Parret, H.; Ruprecht, H. G.; Coquet, J.C. (eds) 1985. *Exigences et Perspectives de la Sémiotique*. Amsterdam. 397-408.
- Beaugrande, R-A de. 1980. *Text, Discourse, and Process. Towards a Multi-disciplinary Science of Texts*. Longman.
- Beaugrande, R-A de & Dressler, W. 1981. *Introduction to Text Linguistics*. Longman.
- Bell, A. 1991. *The Language of News Media*. Blackwell.
- De Knop, S. 1985. 'Linguistic and Extralinguistic Aids for Reconstruction and Interpretation of Metaphors in Headlines', in Paprotte, W. & Dirven, R (eds). *The Ubiquity of Metaphor*. Amsterdam. 243-262.
- Parker, J. M. & Coimbra, R. L. 'A metáfora nos títulos de imprensa em Portugal', *Actas do VII Encontro da Associação de Linguística Portuguesa*, Lisboa, 1992.
- Perfetti, C.; Beverly, S.; Bell, L.; Rodgers, K.; Faux, R. 1987. 'Comprehending Newspaper Headlines', *Journal of Memory and Language*, 26, 696-713.

Título (interpretação correcta)	Descodificação total	Descodificação parcial	Interpretação errada	Não responderam
A.1. POLÍCIAS E JORNALISTAS ANDARAM AOS PONTAPÉS (jogo de futebol) Total:7	1	1	4	2
A.2. SESSÃO SOLENE INICIA 'MES DO CORAÇÃO' (congresso de cardiologia)	0	4	3	0
A.3. PORTUGAL TRATA BEM AS MULHERES (Relatório da ONU; ironia)	0	4	3	0
A.4. "Timo" apresenta um novo rosto para os anos 90 (novo aspecto gráfico da revista)	4	2	1	0
A.5. Os "Tornados" da discórdia (Base Aérea de Beja)	0	5	0	2
A.6. TANGO COREANO ENTONTECEU ARGENTINOS (futebol; vitória da Coreia)	2	4	0	1
A.7. Algarve leva bandeiras azuis a Bruxelas (praias)	2	3	2	0
A.8. QUERIAM DAR 'UMA VOLTINHA' MAS NÃO FORAM MUITO LONGE (furto de motorizada)	1	5	1	0
A.9. Máquina do Son parte para viagens na Indústria (estrela do grupo M do S na discoteca I)	1	0	4	0
A.10. NA COVA DOS 'LEÕES' RUGIU O 'DRAGÃO' (Porto ganha ao Sporting)	5	2	0	0
A.11. Nacional hipotecou o futuro (N. da Madeira perde jogo essencial) Total:6	0	5	1	0
A.12. PROCISSÃO DE ARCUENSES EM DIA DE PÁSCOA (Arcos de Valdevez)	1	2	2	1
A.13. Mudança para arrancar pela raiz o mal viver (inquérito a brasileiros residentes em Portugal)	0	0	6	0
A.14. Beja; o adeus alendo (Base aérea)	2	3	1	0
A.15. Deite-se no meu divã e conte... (psicanálise)	0	2	3	1
A.16. Presidente volta a insistir na defesa da simplifi- cação	0	0	6	0
A.17. "SUB" ARMADOS A ESPERA DOS "CANGURUS" (futebol; sub 21; australianos)	0	2	4	0
A.18. ABAIXO OS CARECAS (cheques sem fundo)	0	1	5	0
A.19. SAX APPEAL (música jazz)	1	2	0	3
A.20. Casa dos mortos abre-se à vida (Instituto de medicina legal sem espaço)	0	0	4	2
A.21. RECHADO DE 'PENEDOS' O 'PORTO DE ABRIGO' (Leixões ganha ao Louletano) Total:6	0	1	3	2
A.22. COMISSÃO PRÓ-PONTE QUER DESMASCARAR AMBIENTALISTAS (ponte sobre o lejo) Em Bruxelas	1	3	0	2

(.../...)

(.../...)

Título (interpretação correcta)	Descodificação total	Descodificação parcial	Interpretação errada	Não responderam
A.23. Sucesso e sobrevivência a sul (inquérito a brasileiros)	0	0	5	1
A.24. "Curto circuito" na Luz deixa Benfica às escuras (Benfica empatou com Torreense)	0	6	0	0
A.25. Veredas da princesa de Baleizão (romance de Clara Pinto Correia e cenário real)	0	1	4	1
A.26. A espera do Messias (seita judia ultra-ortodoxa)	0	1	5	0
A.27. "Time" rejuvenescida (novo aspecto gráfico da revista)	2	4	0	0
A.28. MARQUÊS DE POMBAL REGRE MUNICÍPIOS (Associação de municípios pombalinos)	0	0	6	0
A.29. TONDELA BEBE GATO POR LEBRE (Água da cidade)	1	2	3	0
A.30. ABORTO ENTRA EM BELEM (a lei)	2	4	0	0

Quadro A

Título (interpretação correcta)	Descodificação total	Descodificação parcial	Interpretação errada	Não responderam
B.1. Meninas do Braga repetem a dose (Sporting B.; corta-mato; Taça Camp. Eur. ganha p/ 6ª vez)	2	48	15	1
B.2. Volcane: Um ZX em erupção (carro desportivo da Citroen muito potente)	5	41	20	0
B.3. QUE LO IMPORTANTE... MAIS DO QUE NUNCA (Benfica/Sporting)	1	25	34	6
B.4. TESOUROS DO CINEMA CONTINUAM A "CAIR PELA CHAMINÉ" (artigo desfavorável à edição em vídeo de filmes da Fox)	0	0	62	4
B.5. O Norte dorme e a Galiza investe (empresários g. investem no N de Port. e não vice-versa)	25	34	6	1
B.6. CÂMARA VAI-SE AOS POMBOS (excesso de pombos em Lisboa)	8	18	35	5
B.7. La Frontera sem estrabismo (concerto dos La Frontera sem o grupo Repórter Estrábico)	2	29	33	2
B.8. RICKY, RICKY, RICKY... POIS ESTÁ CLARO! (futebol, três golos; líder dos marcadores)	0	33	23	10
B.9. Em busca das câmeras perdidas (concurso de c.; câmara não planta c. pois são destruídas)	0	5	48	13
B.10. ALGUNS CLASSICOS MARCARAM-NE PROFUNDAMENTE (Juca: jogos de futebol)	0	1	63	2

Quadro B